

Vocabulário do carnaval e visão de mundo: a organização simbólica de uma realidade

Alfeu Garcia Junior

Há três anos vimos pesquisando a linguagem das escolas de samba com ênfase sobre o aspecto lexical, com a intenção de investigar a forma como a comunidade do samba organiza simbolicamente o mundo, a partir de seu ethos e de sua experiência vital. Integrado a um trabalho de dimensões mais amplas, que virá a ser apresentado à comunidade acadêmica como tese de doutorado, o objetivo dessa investigação estabelece como ponto de culminância a produção de um dicionário, elaborado, relativamente à sua macro e microestruturas, de acordo com os pressupostos técnicos da lexicografia, e de rigorosas premissas lexicológicas, amparadas pela morfossintaxe e pela semântica descritiva.

É através do diassistema “língua” que o homem, enquanto ser, ator e sujeito social, depreende o mundo, através de sua experiência vital, e o manipula, organizando-o simbolicamente. De igual sorte, por meio deste mesmo código diassiste-mático, adquire, produz e transforma a cultura, expandindo-a e armazenando-a através do subconjunto lexical, o vocabulário, simultaneamente depositário e operador cognitivo-pragmático do fazer social. Dessarte, através do diassistema lingüístico, substanciado na expressão léxica, o homem opera a manutenção do ethos de seu grupo ou comunidade, realizada sob a esteira da experiência sócio-histórico-cultural, o que lhe permite estabelecer a ótica através da qual vislumbra o mundo, interpreta os fatos, interage com seu semelhante, transforma a realidade e perpetua sua tradição. Em razão da dimensão da importância do vocabulário e de seu papel no estabelecimento do homem diante da sociedade, pois que o ator social “age” através do discurso, o estudo do vocabulário constitui-se como um caminho para a compreensão do homem, histórica e socialmente instituído, percurso este que, configurado sob a égide de parâmetros epistemológicos e metodológicos pressupostos pela sócio-etno-ântropo-lingüística, tem o escopo de descrever o ato gerativo semasiológico e onomasiológico da lexicogênese subjacente ao discurso carnavalesco. Em outras palavras: o estudo do vocabulário do carnaval, máxime das escolas de samba, intenta não apenas dar registro lexicográfico aos termos da linguagem carnavalesca e defini-los; mas antes, e so-bretudo, conhecer o modo através do qual o folião organiza sua vida no mundo do samba através do inventário vocabular de que dispõe, levadas em conta todas as idiosincrasias que perfilam esse grupo, atribuindo-lhe identidade.

A fim de darmos conta dos objetivos que justificam a realização dessa pesquisa, deparamo-nos com algumas preocupações de natureza metodológica, tais como: quem eleger como informante ? que tipo de entrevista formular ? onde fazê-las ? de que modo minimizar o paradoxo do investigador ? de que forma documentá-las ?

A regra geral do fazer lexicográfico, relativamente à coleta de material lingüístico, tem induzido pesquisadores a trabalhar com a aplicação de extensos questionários, formulados a partir de uma perspectiva onomasiológica, isto é, através da qual, partindo-se de um conceito, alcança-se o termo. Por exemplo: “Como se chama a plataforma geralmente circular de um carro alegórico sobre a qual desfilam destaques ou composições?”, para se obter a resposta: “queijo”. São inúmeros os problemas desse tipo de questionário: entre eles, e talvez o maior, o fato de inibir a expressão narrativa do informante, muito mais enriquecedora em todos os aspectos. Por conta dessa limitação do inquérito, concluímos ser mais interessante não fazer uso desse tipo de instrumento de investigação. Optamos pela entrevista não-diretiva, que propiciasse a veiculação de discursos descritivos e narrativos, no bojo dos quais os termos do carnaval são naturalmente atualizados, acrescidos ainda da visão de mundo do falante, no caso o entrevistado, substância mais importante a ser conhecida e analisada para o tipo de dicionário que pretendemos elaborar.

Também foi nossa preocupação decidir em que lugares proceder às entrevistas. A fim de garantir que os

informantes se sentissem à vontade e seguros (condições sine quibus non para a naturalidade do ato discursivo), resolvemos fazê-las exatamente nos locais onde o folião, sambista, dirigente ou profissional do carnaval vive coti-dianamente: favelas, biroscas, barracões, quadras, ateliês, etc., mesmo tendo que tolerar ruídos inoportunos a uma situação de entrevista, como latidos, conversas paralelas, marteladas, sirenes, por fim. E, para garantir um corpus relevante de entrevistas, fizemos contato com pessoas as mais diversas, fossem elas, carna-valescos, passistas, diretores, operários de barracão, etc., de todas as idades, de am-bos os sexos, pertencentes às mais distintas classes sociais.

O contato com a literatura produzida sobre o tema permitiu-nos constatar que os pesquisadores, na maioria das vezes, privilegiam as denominadas “grandes escolas” em detrimento das demais para procederem as suas investigações, como se as fronteiras do mundo do samba correspondessem aos limites das quadras da Mangueira, do Salgueiro, da Portela, da Mocidade Independente de Padre Miguel, da Beija-Flor e outras poucas. De igual sorte, os entrevistados parecem ser aqueles que representam a “elite”, o “skol” do samba: compositores, carnavalescos, enfim, gente famosa e consagrada. Não fazendo pacto com essa linha e com essa crença, para o nosso trabalho, reconhecemos a importância daqueles seres mais anônimos, que, não obstante não figurarem na literatura do carnaval, escrevem, dia-a-dia a história do samba, tanto quanto os notáveis: por que não entrevistar o pipoqueiro que leva seu carrinho ali às portas da Acadêmicos do Engenho da Rainha, por exemplo ? Se a visão de mundo do folião percorre desde a Zona Sul à Baixada, desde uma portentosa Unidos do Viradouro a uma humilde Unidos do Bangu, desde engenheiros a desempregados sem qualquer espécie de qualificação profissional, desde o policial-sambista ao marginal-sambista, uma pesquisa séria deve, igualmente, percorrer todos esses topoi e strata, deve considerar todas as manifestações lingüístico-discursivas, em suas diversas variações, no afã de apreender, nas estruturas semânticas, do nível profundo, e nas estruturas noêmicas, do nível hiper-profundo da linguagem, pelo viés da semiose, a relação pragmática que imbrica de modo indissociável língua e cultura

Atualmente, temos registrado cerca de 1.600 termos formantes do vocabulário das escolas de samba e cremos poder alcançar a cifra de, pelo menos, 2000. No que concerne à macroestrutura do dicionário, os termos inventariados serão arrolados em campos léxico-semânticos e, no interior destes, dispostos em ordem alfabética. Não estando ainda concluída a coleta do vocabulário, não sabemos, ao certo, quantos campos integrarão a macroestrutura.

Acreditamos ser possível compor cerca de dez a quinze campos, dentre os quais poderíamos citar: música, que compreenderia os arquilexemas – instrumentos e canto; dança; materiais; espaço físico, componentes, etc.

A previsão para a conclusão do dicionário é de um ano. Para construirmos pará-frases definitórias claras, será necessário buscar uma metalinguagem que traduza não apenas o conceito pertinente a cada um dos termos, através de rigorosa análise semântica, mas que, sobretudo, possa transparecer a visão de mundo que subjaz a todo mosaico léxico.

Não será, evidentemente, um dicionário para sambistas. Será um dicionário dirigido a qualquer pessoa que queira conhecer através do vocabulário a complexa e requintada organização simbólica do mundo daqueles que dão vida ao mundo do samba.

